

O OLHAR DE JOÃO DOS SANTOS SOB OS LAÇOS FAMILIARES, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

Patrícia Helena Carvalho Holanda / UFC / profa.patriciaholanda@gmail.com

O trabalho é um recorte de uma investigação desenvolvida no âmbito do estágio sênior pós-doutoral na Faculdade de Motricidade Humana - UL, apoiada pela CAPES, que tem por intuito compreender como as instituições escolares lidaram no passado com a família, enquanto instituição educadora a elas associada, e como estão lidando hoje com as novas configurações familiares, refletidas nas subjetividades dos seus atores, e diante de um conjunto de reformas educacionais, em especial, das políticas de inclusão social, tentadas, na última década, no Brasil e em Portugal. Além do enfoque histórico, utiliza uma abordagem psicossocial, desenvolvida em Portugal, na segunda metade do século XX, relacionada com a obra de João dos Santos, que, de acordo com alguns registros biográficos, pertence à segunda geração de psicanalistas ligados a Freud (1856-1939). No exílio em Paris, durante o regime salazarista, terá convivido com psicanalistas franceses importantes e se aproximado dos estudos de Piaget (1896-1980) e Wallon (1879-1963). Ele é considerado hoje um dos introdutores da Psicanálise e um dos fundadores do Grupo de Estudos Português de Psicanálise. Baseado na Teoria Psicanalítica e em suas investigações no campo da Psicologia Genética, elegeu como sua preocupação central compreender o funcionamento mental da criança, a origem de suas perturbações, bem como a revelação dos sintomas e seus significados. O objetivo deste trabalho é de apresentar as ideias centrais de Santos, com a finalidade de entender sua contribuição para o entendimento do conceito moderno de infância, no âmbito da família e escola, associada com a problemática posta por ARIÈS (1978), no campo da história social. O estudo parte de escritos e estudos bibliográficos sobre Santos, como é o caso da tese de doutorado de Branco (2010). A leitura da obra de Santos explicita o lugar que ele destina à Psicanálise, ao defender que esse referencial teórico não deve ficar restrito, apenas ao consultório dos analistas e a coloca a serviço da educação, na escola, inclusive na sala de aula, em prol de uma compreensão mais abrangente do desenvolvimento infantil, à medida que concebeu ensinamentos originais inovadores de formação de pais e professores e apresenta um referencial que oferece um enfoque interdisciplinar, associado com a Psiquiatria e a Psicanálise, que abre também possibilidade nova de estudos no campo da psicopedagogia.

Palavras-chave: João dos Santos; Laços Familiares; Infância; Educação.

1 Introdução

O trabalho enfoca as ideias do intelectual médico, psicólogo e pedagogo português, João dos Santos (1913-1978), visando o entendimento do conceito moderno de infância, no âmbito da família e escola, associado à problemática posta por ARIÈS (1978), no campo da história social. É um recorte de uma investigação¹ desenvolvida no âmbito do estágio sênior pós-doutoral na Faculdade de Motricidade Humana - UL, apoiada pela CAPES, que teve por intuito compreender como as instituições escolares lidaram no passado com a família, enquanto instituição educadora a elas associada, e como estão lidando hoje com as novas configurações familiares, refletidas nas subjetividades dos seus atores, e diante de um conjunto de reformas educacionais, em especial, das políticas de inclusão social, tentadas, na última década, no Brasil e em Portugal.

Referenciado nos estudos biobibliográficos sobre o intelectual português, caso de Branco (2010), onde emerge uma abordagem original do processo de subjetivação da criança, com base na relação com a mãe, em seguida com o pai e outros membros do círculo familiar, até se alargar na altura da frequência escolar, graças às relações de amizade, com as outras crianças, parentes e pessoas próximas da família, onde destaca o “apoio da família alargada”, na constituição da subjetividade da criança e do seu mundo interior em movimento.

Além do enfoque histórico, utiliza uma abordagem psicossocial, desenvolvida em Portugal, na segunda metade do século XX, relacionada com a obra de João dos Santos, que, de acordo com alguns registros biográficos, pertence à segunda geração de psicanalistas ligados a Freud (1856-1939)². No exílio em Paris, durante o regime salazarista, terá convivido com psicanalistas franceses importantes e se aproximado dos estudos de Piaget (1896-1980)³ e Wallon (1879-1963)⁴. Ele é considerado hoje um dos introdutores da Psicanálise e um dos fundadores do Grupo de Estudos Português de Psicanálise.

Baseado na Teoria Psicanalítica e em suas investigações no campo da Psicologia Genética, elegeu como sua preocupação central compreender o funcionamento mental

¹ “*Laços Familiares, Constituição de Sujeitos, Políticas de Educação e Saúde em Espaços Escolares e Sociais, Segundo a Abordagem de João dos Santos um Estudo em Perspectiva Comparada - Brasil e Portugal*” A adoção da temática de estudo vincula-se ao Eixo, *Família, Educação e Sexualidade*, da Linha de Pesquisa História da Educação Comparada (LHEC), Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (UFC). O projeto busca articulação com a obra de João dos Santos (1913-1987), envolvendo investigadoras da LHEC, conduziu ao estabelecimento de um intercâmbio acadêmico entre essa universidade e a Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa (UL). Tal iniciativa, oferece a possibilidade de uma reflexão mais alargada e aprofundada da abordagem daquele expoente, psiquiatra e psicanalista português, ainda pouco conhecido no Brasil.

² Médico fundador da psicanálise nasceu em Viena e especializou-se em neurologia.

³ Epistemologista suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX.

⁴ Filósofo, médico, psicólogo e político francês, e marxista convicto. Fundou o Laboratório de Psicobiologia da Criança e dirigiu a revista *Enfance*.

da criança, a origem de suas perturbações, bem como a revelação dos sintomas e seus significados. Branco (2013) ao aludir à ruptura epistemológica feita por esse notável autor em saúde mental infantil afirma

João dos Santos é um psiquiatra, pedopsiquiatra e psicanalista que imprimiu à Saúde Mental Infantil em Portugal um cunho de indelével modernidade, com espantosa eficácia *promocional, preventiva e terapêutica*, não só no século XX em que viveu (1913-1987), mas também na actualidade e no futuro, desde que, investigadores e clínicos nesta área do saber (e nas demais relacionadas com o quanto se refere à evolução harmoniosa da Criança), interpelem a sua Obra. (p. 77)

Acrescente-se, a isso, a preocupação de João dos Santos com as crianças desejosas de estudar, de escrever, de ler e de contar, mas que não conseguem, em virtude de razões inconscientes que lhe impedem de fazê-lo por serem razões de extrema relevância para o seu equilíbrio emocional, sem a qual a criança não pode realizar o seu desejo. Tais preocupações nos levam a refletir sobre o conceito moderno de infância, no âmbito da família e escola, associada com a problemática posta por ARIÈS (1978), no campo da história social.

Para tanto, o estudo parte de estudos bibliográficos sobre o referido intelectual português, como é o caso da tese de doutorado de Branco (2010), intitulada, *João dos Santos: Saúde Mental e Educação*, bem como dos escritos de João dos Santos compilados por, Paula Grijó dos Santos Maia Lobo, sua filha, que faz a organização da obra, nota introdutória e nota biográfica, na obra João dos Santos, *Prevenir a Doença e Promover a Saúde*, publicada em 2013, pela editora Coisas de Ler, em Lisboa.

A leitura da obra de Santos explicita o lugar que ele destina à Psicanálise, ao defender que esse referencial teórico não deve ficar restrito, apenas ao consultório dos analistas e a coloca a serviço da educação, na escola, inclusive na sala de aula, em prol de uma compreensão mais abrangente do desenvolvimento infantil, à medida que concebeu ensinamentos originais inovadores de formação de pais e professores. Embora suas ideias, como psicanalista, sejam pouco conhecidas na América do Sul é importante destacar que o seu referencial teórico oferece um enfoque interdisciplinar, associado com a Psiquiatria e a Psicanálise, que abre também possibilidade nova de estudos no campo da psicopedagogia.

2 Infância e Família

A originalidade da obra de João dos Santos reside, dentre outros aspectos, na forma como lida com os conceitos de infância e família, por exemplo, por tratar da dimensão psicológica, sem se descuidar da dimensão sócio-histórica, que pode ser observado quando ele define que a criança,

... não é somente uma miniatura, não há só uma diferença de dimensões, mas também de proporções e de qualidade. Assim se, por exemplo, imaginarmos um adulto com as mesmas proporções duma criança, a representação que obtemos é a de um indivíduo com uma cabeça monstruosa e com uns membros demasiado curtos; quer dizer que as proporções dos segmentos do corpo são inteiramente diferentes. Mas não só sob o ponto de vista físico existem diferenças; sob o ponto de vista mental a diferença não é menos importante e a incompreensão deste facto pode levar os pais a cometerem injustiças.

Não é, no entanto, possível definir os caracteres gerais que definem a criança, pois a personalidade infantil está em constante transformação; pode, no entanto, caracterizar-se cada uma das etapas ou “metamorfoses” por que a criança passa do nascimento até a adolescência. (Santos, 2013, p. 30)

Para ele, a infância é um mundo à parte com a sua mentalidade própria e a sua originalidade. É uma fase de preparação e de elaboração. Pois, contrariamente aos animais, o bebê da raça humana possui poucas capacidades inatas. Mas tem o poder de assimilar, de recriar, as etapas das conquistas da civilização, motivo pelo qual fundamenta seu pensamento em Piaget⁵, que defendia que a ontogênese repete a filogênese; em outras palavras, para Piaget o desenvolvimento da humanidade é reeditado no desenvolvimento de cada ser.

Sua ideia em relação à infância parece concordar ainda com o pensamento de Ariès (1978), em sua obra, *História social da criança e da família*, que defende a tese de ausência de sentimento de Infância na Idade Média. Entende que a duração da infância ficava antes restrita ao período mais frágil, quando a criança ainda não tinha o mínimo de desenvoltura motora, pois, logo que conseguia este domínio, ia viver com os adultos, participando do seu dia a dia, tornando parte no trabalho e nos jogos.

Ariès (1978) defende, portanto, que, naquele período, não havia conhecimento das particularidades da infância; de criança pequena passava-se a jovem. Vale destacar, que isso não significava que as crianças eram ignoradas. Nesse sentido, leva-nos a entender que, o sentimento de infância não possui a mesma aceção imputada, com relação a uma afeição particular pelas crianças, mas sim a consciência das características do ser infantil, que vai cunhar a diferença entre a criança, o adulto e o jovem.

Vale destacar, ainda, que, até o século XVII, a infância não fazia parte das preocupações da ciência. Tal postura, nos leva a deduzir que o desconhecimento sobre a infância e suas peculiaridades pode ser relacionada, com a falta de lugar da criança nessa sociedade. Isso pode ser constatado pela inexistência de uma expressão particular voltada para a criança, onde o surgimento da infância acontece com base

⁵ Jean Piaget (1896-1980) criador da Psicologia Genética, iniciou seus estudos sobre o modo como cada indivíduo desenvolve a faculdade de raciocinar (abordagem genética), considerando que esta faculdade não é inata.

nas ideias de proteção, amparo, dependência, que aparecem nessa fase da vida. Com o intuito de tornar as crianças - vistas como seres irracionais, biológicos e frágeis - em seres adultos, socialmente aceitáveis, era preciso que elas tivessem cuidados e disciplinas rígidas.

Nesse sentido, é pertinente lembrar, que, a ideia da existência do sentimento de ser criança e do olhar cuidadoso em relação ao mesmo, é um dos eixos do espírito da modernidade, particularmente quando é significada como parte de alguém que pode ressarcir uma dívida, em face dos cuidados recebidos por seus pais quando criança. Essa explicação pode ser dada, quando se examina as expectativas dos pais em relação ao futuro dos filhos, independente de classe social, uma vez que alimentam, por exemplo, a esperança de que os seus filhos irão superar o *status* econômico alcançado pelos pais.

As diferenças entre crianças e adultos têm sido estudadas pela Psicologia do Desenvolvimento, que se preocupa com as mudanças psicológicas que ocorrem ao longo da vida. Reporto neste ponto ao pensamento de João dos Santos (2013), ao afirmar que

...A criança necessita de um longo período de desenvolvimento e de aprendizagem, até que possa usar todos os instrumentos orgânicos e qualidades em potencial postos à sua disposição, e até dominar o jogo dos sentimentos indispensável à vida em sociedade. A sua transformação faz-se por etapas bem definidas que abarcam um ou vários anos; em cada etapa a criança aprende a fazer um certo número de coisas, isto é, o seu organismo desenvolve-se até o ponto de ela poder servir-se de certos órgãos e de ela poder desenvolver certas capacidades latentes. (p. 31)

Na teoria criada pelo psicanalista de Lisboa, a criança possui um sentimento de existência, mas só muito devagar chega ao conhecimento de si como pessoa distinta dos outros. Não discrimina bem o limite que a separa daquilo que a cerca. Não se analisa, por via de consequência não é introvertida. A criança se encontra voltada para fora, se compreendendo como o centro do mundo. Por volta dos três anos, ocorre a diferenciação do eu e o não eu; depois surge a noção de reciprocidade: eu sou o sujeito, mas o outro por sua vez, também é, assim como eu. Dessa forma, obtendo a noção de relatividade, a criança pode distinguir as relações de causa e efeito.

Dessa forma João dos Santos vai pontuando a estreita associação da vida consciente com o inconsciente durante os primeiros anos de vida. Explicita em seu referencial teórico a diferenciação do papel do psicanalista da criança, que ao contrário do pedagogo, não se dirige ao ego, apesar de que seja indispensável contar com a sua colaboração na condução da cura para ter acesso ao inconsciente.

No entanto, João dos Santos enfatiza que, como adultos, todos nós voltamos a cair em erros de perspectiva, que são os mesmos da nossa infância. Para ele, é

saudável conhecer esses erros, quando deles quisermos nos livrar. Nessa direção, ele faz a seguinte colocação, na comunicação que fez na Sociedade Portuguesa de Psicanálise:

Se no exercício profissional, nós psicanalistas ajudamos os clientes a reconciliarem-se com a sua infância, pondo o nosso inconsciente ao seu serviço, parece-me podermos admitir que, no fundo, jogamos com as nossas próprias infantilidades (Branco, 2013, p. 93)

Dessa forma, João dos Santos tece uma abordagem original no exame do processo de subjetivação da criança, com base na relação com a mãe, em seguida com o pai e outros membros do círculo familiar, até se alargar, socialmente, na altura da frequência escolar, graças às relações de amizade, com as outras crianças, parentes e pessoas próximas da família, ao que o Autor denomina de “apoio da família alargada”; tal apoio seria fundamental na constituição da subjetividade da criança e do seu mundo subjetivo em movimento. Acreditava que, quer no plano fisiológico (hereditariedade), quer no plano psicológico, os fatores que contribuem para a constituição da subjetividade da criança existem antes do nascimento, desde o próprio dia da formação do casal de pais. E que os desejos as condições de vida e as ideias do casal influirão de forma particular em cada um dos filhos que esse casal conceber e na importância singular dada aos filhos que vierem a ter.

Desde os primeiros anos de vida, utilizando seu equipamento constitucional e sob a influência das impressões que lhe chegam do mundo exterior (meio cultural, familiar e educativo) a força criadora da criança elabora um esquema acional e reacional que será responsável pelo seu modo de comporta-se. Este estilo de vida, para Santos, é específico de cada personalidade.

Nesse momento da exposição, faremos uma rápida digressão sobre a família, sob um ponto de vista psicossocial, no sentido de lançar fundamentos para uma melhor compreensão do pensamento santiano. Vale destacar que João dos Santos se apropria da sociologia e estuda os laços familiares e os problemas por eles ocasionados. Branco explicita isso, aludindo aos estudos sociológicos realizados pelo psicanalista de Lisboa, ao defender que “em todas as épocas, a organização familiar visou à proteção da criança”, a propósito do que ele faz a seguinte afirmação.

Se a maternidade pode ser encarada apenas como fenômeno biológico, a paternidade parece ser um fenômeno social de características variáveis conforme a estrutura familiar.

(...) Qualquer que seja a evolução da exogamia - ou casamento fora do clã -, a evolução da instituição casamento é o progresso moral das sociedades parece como diz Engels na *História da Família* - ter sido imposta pela mulher. Se admitirmos que a moral das sociedades se deve mais à mulher que ao homem, podemos facilmente admitir que o objetivo da mulher foi proteger os filhos e não, como diz o autor, fugir aos muitos numerosos sedutores que lhe apreciam quando as sociedades se complicavam. (...) sempre os homens se passaram das leis do casamento quando o intento foi felicidade entre dois indivíduos

de sexo diferentes, mas sempre as comunidades defenderam a obrigação social de educar o produto, muitas vezes acidental, de ligação amorosa. (Santos *apud* Branco, 2013, p. 380)

Destarte, ele percorre a sociologia da família explicando que, a família é formada, na sociedade do seu tempo, pelo pai, mãe e filho. Como sabemos, a família na sua forma tradicional é conhecida pelo poder atribuído ao pai. Esta forma patriarcal ensina a criança o respeito, particularmente, para com a figura paterna, mas também um sentimento de dependência em relação ao mesmo. A mãe, por sua vez, se encarrega das bases da educação da criança, e é principalmente pelo afeto que dela os pequenos sacrifícios que a aprendizagem da limpeza, da linguagem, dentre outros, que se espera da criança. Como podemos observar, os laços com a mãe estão fundamentados no amor.

Nos seus estudos, João dos Santos parece antever, nas últimas décadas do século XX, as mudanças da família contemporânea, que estavam desde então em processo, sob o impacto de diferentes fases da industrialização, que vem atravessando grande transformação, face ao crescimento da urbanização, do êxodo rural, do consumo, do ingresso da mulher no mercado, dos meios de informação e comunicação e da mobilidade geográfica. Tais processos, formam um conjunto de fatores que têm contribuído para a quebra dos padrões tradicionais no modo de organização das famílias, que resultam, por exemplo, na diminuição da autoridade paterna, na expectativa de aumento da responsabilidade do Estado como poder disciplinador das relações sociais básicas e, no âmbito jurídico-social, a responsabilidade da família vem sofrendo um movimento de transferência para instituições como a escola, os institutos de previdência social, o juizado de menores, dentre outros.

Outros autores sinalizam a preocupação com essa mudança de padrão familiar, na contemporaneidade, como Carvalho (2003), ao discutir o significado da família atual, que trazemos aqui para dialogar com o pensamento de João dos Santos,

As expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo, ainda impregnadas de idealizações, das quais a chamada família nuclear é um dos símbolos. A maior expectativa é de que ela produza cuidados, proteção, aprendizados dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. No entanto, estas expectativas são possibilidades e não garantias. A família vive num dado contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas possibilidades e potencialidades (p. 15).

Outra contribuição para discussão é a de Araújo (2003), ao apresentar a sua compreensão de família, começando por defini-la como uma instituição que possui processos e práticas sociais, que delimitam sua dinâmica e organização. Para este

autor, a família encontra-se em crise devido à mudança de seu modelo, antes patriarcal, ocorrida mais fortemente nas últimas décadas, apontando como causa dessas mudanças os processos sociais, econômicos, culturais, inerentes a uma instituição que sofre constantes mutações em sua função social. Para ele, esses fatores vão interferir na dinâmica familiar, provocando alterações na sua organização, em especial, à medida que tenta assimilar o novo papel social da mulher, a representação dos papéis que os diversos membros da família vão assumindo, relacionado ao perpassar de gerações e estabelecimento dos valores veiculados no seu âmbito.

A esse respeito, Branco (2013) nos chama atenção para a importância, que João dos Santos atribuía à proteção da criança, motivo pelo qual cultivou o interesse no estudo da família e do casamento. Sem esquecer sua compreensão acerca do complexo do Édipo⁶, devido esse conceito criado por Freud colocar em evidência a função das estruturas sociais (familiares) na constituição do ser humano a partir da infância, ou seja, de um ser fraco e inconsciente, ou seja, a condição inerente à criança, por ocasião do nascimento.

No entanto, é importante destacar que, assim como Freud, João dos Santos não compreendia a psicanálise como uma teoria culturalista. Isto é, não explica o homem apenas pela dimensão do social, por considerar que, no sentido da universalidade do Complexo de Édipo, João dos Santos concordar com o argumento freudiano, segundo o qual, por detrás das variedades do social, existem constantes que são de certo modo a essência da sociedade, o que nos obriga a refletir sobre a relação do social com o biológico⁷. Um dos aspectos mais importantes da obra de Freud sustenta a dualidade do homem e, ao mesmo tempo, assevera que tudo é natureza (não existe transcendência), que tudo depende de leis naturais, por via de consequência, o que significa, em última instância, que o social reenvia para o biológico.

A Psicanálise não é uma psicologia, no sentido de estudo do indivíduo. Ela é a ciência do inconsciente. Preocupou-se com o papel da mãe, ao longo do tempo e em diversas sociedades, permitindo assim destacar, que cada cultura ou momento histórico encara a maternidade de forma diferenciada, devido a uma variação de contorno da função institucional da família e educação.

Para efeito ilustrativo e comparativo, na Grécia Clássica, por exemplo - que trazia como uma de suas características culturais a associação entre o pensamento mítico e a formulação de uma filosofia por seus intelectuais, onde há a predominância da razão, ou seja, do pensamento crítico defendendo a personalidade livre - vamos encontrar uma aceitação social da bissexualidade e homossexualidade. Já para os

⁶ A situação edípica em geral é resumida como a rivalidade entre a criança e um de seus progenitores pela posse do outro.

⁷ Obras como Totem e Tabu, Mal-estar na Civilização, O Futuro de Uma Ilusão, Psicologia Coletiva e Análise do Ego, Moisés e o Monoteísmo, dentre outras, fazem parte do campo das Ciências Sociais, sem deixarem o campo da psicanálise de que são elementos teóricos essenciais.

Indus e os Arianos, à mulher pertencia o lugar do chefe da família, devido sua capacidade de gerar a vida. Na modernidade, o papel da mulher no Ocidente aparece vinculado a estruturas patriarcais de poder, que disseminadas pelo domínio europeu, permanecem sólidas pelo menos até finais do século XIX, e ainda visíveis, ao longo do século XX, quando movimentos feministas em prol de direitos políticos e liberdade profissional começam a colocá-lo em questão de forma crescente.

Um outro aspecto a salientar é que a família, sob o regime patriarcal, desenvolve a função de reprodução social, e influencia na constituição da personalidade dos filhos, à medida que os educa, sendo responsável pela transmissão de valores, tais como, o da convivência civil e de uma moralidade a ser cultivada, pautada na dignidade, no bom uso da liberdade, no diálogo, na obediência e respeito às regras de solidariedade social. Exerce ainda influência nas opções dos seus membros, no que se refere à carreira profissional, círculo de amizades, uso do tempo livre e nas relações sociais, em geral.

3 Educação

A convicção de que deveria trabalhar para a saúde mental e educação da criança coloca João dos Santos sintonizado com a multiplicidade das maneiras de abordar a criança e se debruça na compreensão da família. Para ele, não existia receita miraculosa para entender a criança, pois sua formação psicanalítica estava ali para demonstrar que essa compreensão viria, por vias que se recortam e se complementam.

Desenvolve, assim, o conceito de Pedagogia Terapêutica, na mesma linha de pensamento, para solicitar aos psiquiatras e pedopsiquiatras, que tivessem uma intencionalidade pedagógica em sua abordagem terapêutica, por considerar que aquela tivesse tanta importância, que se apresentavam antes como condição possibilitante da ajuda terapêutica. Branco (2013) revela que, em relação a esse aspecto, João dos Santos

pede aos pedagogos, que partindo da *observação* e estabelecendo com ela uma *relação* de empatia e interesse pela pessoa que ela é, antes de se interessarem pelas suas dificuldades, se apoiem em conhecimentos teóricos, técnicos e em práticas de psicologia desenvolvimental, a que chama <<Pedagogia Terapêutica>>. Conceito através do qual mostra que esta Pedagogia, investida com *espontaneidade e autenticidade* no sucesso da aprendizagem e no interesse pelo bem-estar e alegria dos educandos, tem igualmente efeitos terapêuticos podendo mesmo, se necessário <<voltar atrás e retomar o fio da meada>>, para ajudar a reparar as *falhas precoces* que dificultam o seu desenvolvimento. (p. 84)

Como se pode observar, a visão integrada de desenvolvimento da criança de João dos Santos, coloca para os psiquiatras, pedopsiquiatras, psicólogos, a importância de trabalharem em equipe, com o intuito de promover a criança. Em sua orientação recomenda, inclusive, que os profissionais que lidam com a criança adotem uma postura de humildade, lucidez, humanismo e colaboração científica; faz, também, a

seguinte afirmação, no seu Seminário Introdução à Clínica Pedopsiquiátrica. Motivação e Seguimento de Caso, 1976,

A psicologia deve enriquecer-se com a experiência pedagógica, como a pedagogia com a psicologia. O trabalho que se propõe à criança não é fecundo se não corresponder a uma necessidade de seu desenvolvimento. A pedagogia terapêutica deve ser integrada na “arte de curar” o que corresponde a um certo regresso às origens, visto que medicina, compreensão psicológica e educação familiar estiveram sempre ligadas desde a antiguidade. A pedagogia terapêutica é uma orientação que, na base dos grandes inovadores da psicologia e da pedagogia fornece uma orientação metodológica susceptível de abrir novos caminhos para uma psicologia ao serviço de todas as crianças. Assim, a partir de uma ‘arte de curar’ bloqueios no processo de aprendizagem de certas crianças, conseguem-se afinar métodos capazes de prevenir as dificuldades escolares. A pedagogia terapêutica averigua e aprecia o ponto de fractura que entrava o processo de aprendizagem e intervém a esse nível. Inspira-se numa concepção genética e dinâmica do desenvolvimento para se decidir por onde se pode *pegar no caso* (João dos Santos apud Branco, 2013, p. 86)

Desse modo, João dos Santos demonstra que a Pedagogia pode ser reconhecida como uma área de conhecimento abrangente, cuja atuação pode ocorrer em diversos âmbitos da vida, a partir do momento que compreendemos que a educação é um fenômeno inerente à vida humana. Portanto, ela ocorre na vida e não apenas na escola.

4 Considerações Finais

Consideramos que estudar e divulgar o pensamento de João dos Santos se apresenta como uma contribuição teórica importante para a história das ideias psicopedagógicas do século XX, em perspectiva comparada Brasil-Portugal, bem como para pensarmos os dilemas postos no tempo presente para a relação família-escola, em face de sua atualidade.

Hoje, estamos diante de desafios inscritos nos mecanismos de socialização e profissionalização, que estão em mutação, diante das transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas em curso, que causam grande impacto no ordenamento simbólico dos diversos agentes e instituições educativas, quando o ordenamento social é feito cada vez mais em torno do conhecimento e da comunicação acelerada da atualidade.

Destarte, a investigação ofereceu conceitos importantes para pensarmos os dilemas postos no tempo presente para a relação família-escola, diante dos mecanismos de socialização e profissionalização que estão inscritos nas transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas em curso, é essencial já que causam, por um lado grande impacto no ordenamento simbólico dos diversos agentes e instituições educativas, nas sociedades do conhecimento e da comunicação acelerada da atualidade; por outro, alteram as relações de autoridade

entre pais e filhos, professores e alunos. Além de favorecer a atualização das áreas da psicopedagogia e história das ideias pedagógicas, bem como da sua aplicação no aprimoramento do debate e formulação das políticas educacionais.

Referências

ARAÚJO, Walter da Rocha. *Representações sociais sobre família e classes sociais*. Recife, 2003, 113 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1981.

BRANCO, Maria Eugenia Carvalho. *João dos Santos: saúde mental e educação*. Lisboa, Livros Horizonte, 2010.

CARVALHO, M^a do Carmo Brant de. *O lugar da família na política social*. In: CARVALHO, M^a do Carmo Brant de (org.) *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2003.

LOBO, Paula Grijó dos Santos Maia . (Org.) Nota introdutória e nota biográfica. In: Santos, João dos . *Prevenir a Doença e Promover a Saúde*. Lisboa, Coisas de Ler, 2013.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Epistemologia: por uma teoria do conhecimento*. Tradução de Agnes Cretella. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1978.

SANTOS, João. *Prevenir a Doença e Promover a Saúde*. Organização: Paula Grijó dos Santos Maia Lobo. Lisboa: Coisas de Ler, 2013.